

Análise Componencial de vocábulos do português e do espanhol

Claudia Pacheco Vita
ESPM/SP

Em nossa dissertação de mestrado (PACHECO VITA, 2006), analisamos uma visão muito difundida no Brasil a respeito da aquisição da língua espanhola por brasileiros, a de que para saber essa língua bastaria conhecer os “falsos amigos clássicos”. Segundo tal representação, o aprendiz brasileiro necessitaria se preocupar apenas com essa lista de palavras tidas como perigosas por poderem causar mal entendidos, já que sua semelhança formal com palavras do português brasileiro oculta valores distintos. Com exceção desse grupo de palavras, todo o restante do léxico não causaria problemas de comunicação e de aquisição, por ser muito parecido (tanto em forma quanto em significação) nas duas línguas consideradas.

Essa visão do senso comum deixa transparecer, segundo Celada & González (2000), uma concepção do processo de aquisição de línguas estrangeiras como um processo de formação de hábitos, de modo que o que é semelhante precisaria somente ser transferido da língua materna e o que é diferente precisa ser estudado, para evitar interferências. Tal modelo foi logo criticado e relativizado, pois se observou que as estruturas semelhantes não estão livres de erros e nem a identificação das construções diferentes significava evitar interferências.

O que se relativizou no campo das pesquisas linguísticas a partir daí vigorou (e ainda vigora) com muita força na imagem que circula em nosso país sobre a aquisição do espanhol por brasileiros e até mesmo em pesquisas sobre o assunto: muitas vezes, o critério para classificar estruturas da língua como semelhantes ou diferentes é essencialmente formal o que, no caso do contraste entre o espanhol e o português, tem consequências muito específicas. O brasileiro normalmente tem a “sensação de competência imediata” (CELADA, 2000, p.9), que o leva a fazer uso do espanhol sem ter passado por nenhum tipo de estudo formal ou ter tido contato com a língua.

Outro aspecto importante a se notar é a visão de semântica lexical que tal representação deixa transparecer: as palavras são uma nomenclatura, uma lista de nomes que cada língua atribui às coisas do mundo, sendo, portanto, suporte para os mesmos conceitos. Se essas etiquetas atribuídas aos referentes são parecidas

formalmente, não há com o que se preocupar, já que o significado “emana” das coisas e é, portanto, único e verdadeiro.

Em nossa pesquisa de mestrado (ibid.), adotamos um modelo (ainda que de forma muito incipiente) que desloca a significação do referente para linguagem humana, devido ao fato de considerarmos que observadores pertencentes a comunidades linguísticas diferentes quase nunca veem exatamente o mesmo mundo (PIETROFORTE & LOPES, 2003, p.114), o que explicaria por que mesmo palavras de línguas formalmente próximas podem carregar conceitos diferentes.

Esse modelo é o da Semântica Estrutural, que vê a língua como um sistema, como um conjunto inter-relacionado de elementos que apresenta princípios de organização. Em função disso, é possível decompor o conteúdo das palavras (ou lexemas) descrevendo os traços semânticos (ou semas) que as constituem e as inserem em um campo lexical.

Adotaremos os conceitos essenciais da Análise Componential no estruturalismo europeu, tais como as noções de lexema e semema/sema, definidas por Greimas (1966, p.51 *apud* VILELA, 1979, p.22), respectivamente, como “o conteúdo total atribuído a um significante” e “um dos possíveis ‘efeitos de sentido’ contidos virtualmente no lexema”. Para o autor (ibid.), embora tanto um como o outro se manifestem no plano da “fala”, são unidades do plano da “língua”.

A Análise Componential se faz por meio da comparação de lexemas dentro de um campo lexical, ou seja, comparando unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas (VILELA, 1979, p.61). Tal comparação se limita ao nível da Língua e tem o mérito de permitir constituir um inventário dos valores virtuais dos signos, uma etapa, a nosso ver, essencial para explicar os sentidos produzidos nos enunciados dos quais participam.

Neste trabalho, a nossa proposta é contrastar vocábulos que integram o campo lexical da afetividade entre pessoas no português e no espanhol, pois esses itens lexicais comportam uma gama variada de traços semânticos nas línguas consideradas. Devido às dimensões deste artigo, selecionamos dois verbos desse paradigma léxico: “gostar”/*gustar* e “querer”/*querer*.

Embora, conforme explicamos anteriormente, nosso objetivo seja trabalhar com esses lexemas no nível sistemático, parece-nos interessante reproduzir dois

enunciados que nos chamaram a atenção por conterem os vocábulos que vamos analisar: uma tira de Fernando Sendra e uma música de Tim Maia.

Querido Quino:

me resulta muy difícil expresar mis sentimientos en privado e inevitablemente tiendo a minimizarlos cuando estoy frente a quien debo manifestarle mis afectos. Por eso aquí, solo frente a mi máquina, sin ver reflejada mi propia imagen en tu mirada, puedo contarte que tengo ese horror masculino a decirte que **te quiero**, pero te quiero. Intenté escribir "te estimo", era más de macho, pero distante. "Te aprecio" me pareció una artera puñalada por la espalda. "**Gusto de vos**" demasiado insinuante y provocativo. "Te amo", decididamente fuera de lugar, y además soy casado. "Te adoro", una exageración mística. "Te valoro", una bosta. Por eso, porque no me queda otra, **te tengo que querer, y te quiero**.

Pero hay algo más. De vos aprendí mucho.

Te lo debo.

Espero sabértelo pagar.

Un beso, Fernando, el Sendra."

In: QUINO (2000) *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor. 10ª edición, p. 26.

Não quero dinheiro (Tim Maia) (Fragmentos)

Vou pedir prá você ficar

Vou pedir prá você voltar

Eu te amo

Eu te quero bem

Vou pedir pra você me amar

Vou pedir pra você **gostar**

Eu te amo

Eu te adoro, meu amor

Recolhemos e descontextualizamos, intencionalmente, desses enunciados os vocábulos por nós selecionados para realizar a Análise Componential. A metodologia que utilizaremos será a consulta a dicionários linguísticos, de uso e etimológicos, além de consultas ao *Corpus de Referencia del Español Actual* da REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (CREA) e por meio buscador www.google.com.br.

Os quadros que seguem contêm os semas colhidos nas definições dadas pelos dicionários consultados e que depreendemos da análise de enunciados dos *corpora* consultados.

Campo semântico da afetividade – Sistema do espanhol

O verbo *gustar* pode apresentar o traço S1 ("exercer atração física") em construções, segundo o *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005), cujo sujeito é a causa do prazer ou atração e a pessoa que o sente se expressa mediante um complemento indireto, como no exemplo "Vos *me gustás mucho*" (Rovner Pareja [Arg. 1976]). O dicionário aponta esta construção como a normal na fala corrente.

O mesmo dicionário menciona também outra estrutura possível, em que a pessoa que sente o prazer é o sujeito e aquilo que o causa se expressa por um complemento introduzido por *de*, como no exemplo “*Gustaba de reunirse con amigos en su casa*» (UPietri *Oficio* [Ven. 1976]). Tal publicação atribui ao verbo *gustar*, quando funciona nessa estrutura, a acepção “apreciar, agradar, costumar”, documentada principalmente na língua escrita. Além dessas acepções, tal estrutura parece admitir também o traço S1 (“exercer atração física”) quando a causa do prazer é [+ humano], como se nota nos comentários de Fernando Sendra na tira aqui citada, ao considerar dizer ao amigo “*Gusto de vos*”, abandonando essa opção por considerá-la “demasiado insinuante y provocativo”.

Se pensarmos nas raízes do sema S1 (“exercer atração física”) do verbo *gustar*, poderíamos pensar na hipótese de que os semas que o definiram ao longo da história foram passando por alterações até chegar, nos dias de hoje, a designar algo que agrada os sentidos, a uma espécie de prazer sensorial. Para tal hipótese, nos apoiamos em Coromines (2010), quem afirma ser *gŭstare* a forma latina originária, cujo significado “catar, probar” evoluiu para “tomar placer” e, finalmente, “gustar, agradar”. Ou seja, parece haver uma evolução de “experimentar”, para “sentir prazer” e, por último, “agradar” (aos sentidos).

No intuito de reunir o maior número de possibilidades semânticas dos lexemas analisados, reproduzimos aqui consulta que fizemos, para nossa dissertação de mestrado (PACHECO VITA, 2006), do verbo *gustar* no *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA). Solicitamos ocorrências com *te gusto* e excluimos dos enunciados encontrados construções cujo sujeito não fosse [+ humano]. Dos 58 parágrafos analisados, em 49 deles *te gusto* remetia claramente ao sema “exercer atração física”.

Além disso, é de grande interesse para este trabalho considerar as ocorrências de *te gusto* em textos nos quais o efeito de sentido de atração sexual não ficava bem claro – ou pelo menos não era o único sentimento a que remetia, mesclando-se com amor ou carinho -, como se verifica no exemplo 1:

1. “Clara: – ¿Qué?

Pablo: – Tú sabes que nuestros viejos siempre se han llebao bien, ¿no?

Clara: – Sí.

Pablo: – Y que nosotros dos nos hemo críao casi juntos.

Clara: – Sí.

Pablo (decidiéndose): – Mira, Clara, yo quiero decirte una cosa que yo siempre pensé decirte cuando yo saliera del Servicio: Clara, tú **me gustas**; yo quiero que tú seas mi novia.

Clara (levantándose de un salto): – ¡Muchacho, pero tú te has vuelto loco!
Pablo: – ¿Loco, por qué? ¿Porque tú **me gustas**?
Clara: – ¡No, no, es que yo...!
Pablo: – ¿Que yo **no te gusto**?
Clara: – ¡No es eso! Es que... acabas de llegar y..., y mamá...
Pablo: – ¡Ah, bueno, mira, si tú quieres yo voy y Pablo con los viejos tuyos...!
Clara: – ¡No, con los viejos no!
Pablo: – Entonces es que **no te gusto**.
Clara: – No, no es eso... Es que, Pablo, las cosas así de sopetón, sin pensarlo..., yo no sé qué decirte, Pablo.
Pablo: – Clara, ¿pero por qué to'este lío ahora, si nosotros siempre pensamos hacernos novios cuando creciéramos?
Clara: – Eso eran boberas de muchachos, Pablo. Ahora las cosas son más serias. (Recoge la palangana con la ropa.)” (1975, Sergio González, Cuba Teatro)

Também, em construções negativas, parece haver uma certa alteração ou neutralização do sema “atração física”, dando lugar a uma espécie de sentimento de antipatia (PACHECO VITA, *ibid.*, p.170), como no exemplo 2:

2. “Abel (como si sacara la cabeza del agua): – Con una barbilla así, por lo menos podría ser capitán.
General: –¿Qué...? Así es. O mayor... Y también la boca parecida como un tajo, esos tajos de navaja, sin comisuras, distante, sin ser ceremoniosa. Todo tenemos igual: los labios, los ojos. Potrillo... Mi hijo. Sos mi hijo (le da unas cachetaditas sombrías y despreocupadas). No sé por qué **no te gusto** (se sonrío). ¿Ni el día de mi cumpleaños te gusto?
Abel: – Hago lo posible.
General: –¿Te cuesta mucho?
Abel: – No demasiado. Pero cuando te ponés así...
General: –¿Te doy miedo?
Abel: – No tanto.
General: – ¿Agredido te sentís?
Abel asiente en silencio.
General (retama su bonachonería): – Si bromeo, Abel. Juego un poco. Nada más que eso... juego, juego... ¿A vos no te gusta jugar acaso?
Abel: – Hasta en eso nos parecemos.” (1985, David Viñas, Argentina, Teatro)

Analisemos agora o verbo *querer*. Todos os dicionários consultados apresentam o traço S2 (“sentir carinho, amor”). Segundo Coromines (2010), esse verbo se origina da forma latina *quaerere*, cujo significado evoluiu de “buscar, inquirir, pedir” para a ideia de “vontade” e, finalmente, para “amar”. Para o autor, este último sema surgiu, provavelmente, devido ao desejo de evitar uma expressão exageradamente solene e enfática de um sentimento íntimo. De fato, hoje, ao menos na variante peninsular, o verbo *querer* costuma substituir o verbo “amar” quando o que desperta esse sentimento é uma pessoa pois, como diz Moliner (2000), “este último se tiene, fuera del lenguaje literario, como afectado, y se rehúye su uso”. O fato de que essa comunidade linguística considere que tal forma produz um efeito exagerado e sem naturalidade faz com que os falantes não o vejam como uma possibilidade dentro do paradigma da afetividade. Trata-se, por tanto, de uma

representação social (BOURDIEU, 1990, p.287), de uma restrição extralinguística, que não cabe na análise que estamos fazendo neste trabalho.

Moliner (2000) aponta um segundo traço para esse lexema que não consta de nenhum dos outros dicionários utilizados: o traço S3, definido pela autora como “atracción afectiva y sexual entre dos personas”.

Em consulta ao *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) em 15/10/10, solicitamos a busca por *te quiero* em todos os meios, em todos os países, sobre todos os temas. Analisamos os primeiros 50 casos encontrados; em 32 enunciados parecia funcionar o sema S2 (“sentir carinho, amor”) e, nos demais casos, ou o verbo *querer* funcionava como verbo auxiliar (“*te quiero decir*”) ou eram repetições de partes diversas de um mesmo texto. Nota-se, portanto, que o traço S2 parece ser o mais freqüente para *querer* com complemento [+humano] e que uma pesquisa mais abrangente a esse *corpus* é imprescindível para confirmar o uso do traço S3.

Campo semântico da afetividade – Sistema do português

Em todos os dicionários consultados, o verbo “gostar” com objeto indireto [+humano] pode apresentar o traço S2 (“sentimentos de amor e carinho”), o S4 (“simpatizar”) e o S5 (“estimar, ter amizade”). O traço S3 (“atração afetiva e física”) é mencionado apenas no *Diccionario Bilingüe de Uso* (2003), ilustrado pelo exemplo “Estou gostando daquele garoto=me está gustando mucho ese chico”.

Recorremos novamente à consulta que fizemos em nossa dissertação de mestrado (PACHECO VITA, *ibid.*, p.163) para verificar se é possível ampliar a descrição dos semas que esse lexema admite. Para tal consulta, utilizamos o buscador www.google.com.br e analisamos ocorrências do verbo “gostar” em que o objeto fosse [+humano]; dos 42 casos encontrados, 38 remetiam predominantemente a sentimentos de amor, simpatia ou amizade entre pessoas. Nos 4 enunciados restantes, parecia funcionar o sema S1 (“exercer atração física”); no entanto, diferentemente do espanhol, esse efeito de sentido surge em enunciados que, em geral cumprem, principalmente, a restrição de que esse

complemento [+humano] esteja no plural (exemplo 3) ou, então, seja um genérico (exemplo 4). Neste último, o registro parece ser mais coloquial que naquele:

3. “Se o Criador inventou no mundo alguma coisa melhor que o tal do bicho-homem, está muito bem escondido em regime de segurança máxima. A figura masculina mexe comigo de tal forma, que se torna difícil explicar isso em palavras. Fascina. Vicia. Enlouquece. Seja pelas atitudes fortes, seja pelo ar de dominação. **Gosto** dos de menor estatura, me olhando direto nos olhos, encaixando perfeitamente no meu corpo, com acesso livre ao alcance das mãos e de todo o resto. (...) **Gosto** dos branquinhos de cabelos escuros, traços delicados quase andrógenos, mas enlouqueço diante de uma barba por fazer, um rosto quadrado, uma boca grande pronta pra me devorar. **Gosto** dos educados que me pegam em casa e me puxam a cadeira pra sentar, mas não resisto aos mais rudes que me deixam marcas na pele, puxam meu cabelo, me colocam fogo nas veias”.

(<http://proteus.limeira.com.br/tiroequeda/noticia.php?nnot=1816>)

4. “Repentes: Minha Preferência

Quando cheguei nessa festa
me perguntaram se eu **gosto** de loira
ou se eu **gosto** de morena,
se eu **gosto** de mulher grande
ou se eu **gosto** de mulher pequena,
eu respondi que preferência pra mim
é só no cavalo, cavalo bom tem que ser
quarto-de-milha de preferência castanho
mais mulher pra beijar na boca
e fazer amor comigo pode ser de qualquer jeito
e de qualquer tamanho!!!!”

(http://www.vaquejadas.com.br/index.php?Fa=rep.infRepente&REP_ID=307)

No caso do verbo “querer”, todos os dicionários consultados apresentam o traço S2 (“sentir carinho, amor”) e S5 (“estimar, ter amizade”). Já os traços S4 (“simpatizar”) e S3 (“atração afetiva e física”) constam apenas do dicionário *Dicionário Houaiss* (2009), que oferece os seguintes exemplos: “Paulo a queria mais do que a qualquer outra coisa” e “Maria quer muito ao Paulo, mas este não a ama”.

É interessante, também, notar que os verbos “querer”, tanto em espanhol quanto em português, combinados com os advérbios “bem”/ *bien*, restringem as possibilidades sêmicas¹ ao traço S2 (“sentir carinho, amor”), como fica claro no exemplo dado pelo *Diccionario Bilingüe de Uso* (2003) para o verbo do português: “quero muito bem a todos dessa família=quiere mucho a todos los de esa familia” e na letra da canção de Tim Maia (“Eu te amo/Eu te quero bem”).

Na pesquisa que realizamos, por meio do buscador www.google.com.br, de ocorrências com “te quero”, das 50 primeiras ocorrências encontradas, 21 possuíam

¹ Essa construção consta dos dicionários MOLINER (2000), REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1992), *DICCIONARIO PANHISPÁNICO DE DUDAS* (2005), MORENO, F. & GONZÁLEZ, N. T. M. (2003), AULETE (1968) e do FREIRE (1954).

objeto [+humano]. Dentre elas, 12 apresentavam o traço S2 (“sentir carinho, amor”), 5 o traço S3 (“atração afetiva e física”) e 4 o traço S1 (“atração física”).

É interessante observar a vasta gama de valores que esse lexema admite, oscilando entre “o amor mais puro” e a “pura e simples atração física”, como fica claro nos exemplos abaixo:

5. Senhor Te Quero (Vineyard) Gospel

Eu te busco, te procuro ó Deus
No silêncio tu estás
Eu te busco, toda hora espero em ti, revela-te a mim
Conhecer-te eu quero mais
Senhor te quero
Quero ouvir tua voz
Senhor, te quero mais (...)
Prosseguindo, para o alvo eu vou
A coroa conquistar
Vou lutando, nada pode me impedir, eu vou te seguir
Conhecer-te eu quero mais
<http://www.cifraclub.com.br/vineyard/senhor-te-quero/>

6. Te quero presente (Andréa Vanucci)

Vem pra mim, eu te quero agora
Eu tô a fim, meu bem não demora
Vem pra mim nesse exato momento
Não me deixe assim
Ou eu não agüento
Vem pra cá me abraçar
Eu te quero já (...)
Então venha sim, larga todo o resto
Vem pra cá pra gente se amar
Só eu e você
Não ligue pro que os outros
Vão dizer porque
A minh'alma combina com a sua
E o meu corpo se encaixa no seu
Então vem pra mim e seja só você e eu
http://www.mpbnet.com.br/musicos/andrea.vanucci/letras/te_quero_presente.htm

Conclusão

Ao fazermos a Análise Componential dos verbos “gostar”/gustar e “querer”/querer, fica evidente que não é possível atribuir exclusividade de valores para nenhuma das línguas consideradas. Novamente fica patente que a especificidade do contato de falantes de línguas como o português e o espanhol, muitas vezes, exige a inserção do aprendiz em novas redes de predominâncias semânticas e não tanto a busca por significações exclusivas ou divergentes.

Parece-nos, o passo seguinte seria analisar como o repertório semântico potencial dos signos é atualizado nos enunciados e que restrições o discurso impõe à seleção de semas.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas (1968): *Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta.
- BOURDIEU, Pierre (1990): Espacio Social y Génesis de las Clases. Em: *Sociología y Cultura*. México: Ed. Grijalbo.
- BUENO, Silveira (1963): *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- CELADA, Maria Teresa & GONZÁLEZ, Neide Maia (2000): “Los estudios de lengua española en Brasil”. (em 2001, este artigo foi publicado no *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos 2000*; no entanto, a versão consultada que se cita no trabalho é sua versão no prelo, de 2000).
- COROMINAS, Joan (2010): *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos.
- FREIRE, Laudelino (1954): *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: José Olympio.
- INSTITUTO ANTONIO HOUAISS (2009): *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*, versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MOLINER, María (2000): *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.
- MORENO, Francisco & GONZÁLEZ, Neide Maia (2003): *Diccionario Bilingüe de Uso*. Madrid: Arco Libros.
- PACHECO VITA, Claudia (2006): *A opacidade da suposta transparência: quando “amigos” funcionam como “falsos amigos”*. Dissertação de mestrado defendida junto ao DLM da FFLCH/USP, inédita.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim & LOPES, Ivã Carlos (2003): Semântica Lexical. Em: FIORIN, José Luiz, org.: *Introdução à Lingüística. II. Princípios de análise*, p. 111-135. São Paulo: Contexto.
- QUINO (2000): *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor. 10ª edición.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1992): *Diccionario de la Real Academia Española*. 21ª ed. Madrid: Espasa Calpe.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (2005): *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Madrid: Santillana.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> [15/10/10]

I CIPLOM

Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
e
I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
Línguas, sistemas escolares e integração regional

VILELA, Mário (1979): Estruturas léxicas do português. Coimbra: Almedina.